

Lugares-comuns

JORNAL DO BRASIL

28 FEV 1997

O brasilianista Thomas Skidmore teve excelente oportunidade de se manter em silêncio, mas não resistiu à tentação de repeter, num seminário em Washington, os piores clichês da oposição brasileira, desorientada e ressentida, sobre o presidente Fernando Henrique.

Frases como “o governo de Fernando Henrique só se preocupa com o poder” e “não tem mais nada a ver com o que ele escreveu no passado” são exemplos do que os franceses chamam depreciativamente de *langue de bois*, ou seja, uma linguagem de lugares-comuns e frases feitas para expressar idéias ressecadas.

Skidmore não faz qualquer diferença entre a atitude do intelectual — sempre interessado em ideais fraternos de longo prazo, sem se preocupar com a aplicação imediata de suas idéias —, e a do homem político, necessariamente um operador que administra pressões e cujo espírito está mais voltado para propostas e a execução delas.

Além disso, o brasilianista endossa de forma irresponsável a versão refutada pelo presidente de que teria dito “esqueçam o que eu escrevi”, bordão da esquerda burra, que prefere parodiar a examinar conceitualmente a diferença entre revisão conceitual e renegação intelectual.

Fernando Henrique já se explicou longamente sobre a reformulação da teoria da dependência, sobre o fato de não ter percebido 20 anos atrás todo o alcance do processo de mundialização da produção e da comercialização, o impacto da vertiginosa informatização dos mercados, a volatilidade dos fluxos financeiros, a necessidade

de reordenar as vantagens comparativas e ajustar o Estado ao mundo pós-guerra fria.

Esses processos levaram Gorbachev a implementar a *glasnost* e a *perestroika*, Mitterrand a desestatizar os bancos, Deng Xiao Ping a abrir a economia chinesa, o peronista Menem a privatizar estatais. Serão por isso renegados? Argumentar contra suas próprias proposições anteriores não será prova de flexibilidade mental e sabedoria, tal como faz Albert O. Hirschman em *Auto-subversão*, livro prefaciado pelo presidente brasileiro? Ou será que Skidmore tem como modelo político a coerência ossificada de João Amazonas, o único brasileiro que não mudou nos últimos 30 anos?

A afirmação de que “Fernando Henrique mudou a Constituição em seu próprio benefício” coloca no mesmo plano uma emenda constitucional votada por três quintos do Congresso e o pacote de abril de 77, quando Ernesto Geisel fechou o Legislativo e reescreveu a Carta a seu bel-prazer. Um despautério, que nos leva a reexaminar a multiplicação de clones de brasilianistas como Skidmore.

É sintomático que o respeito inspirado por Fernando Henrique Cardoso em chefes de estado e de governo do primeiro mundo seja inversamente proporcional ao ceticismo e ao desrespeito manifestado por intelectuais universitários sem responsabilidade política em relação ao presidente brasileiro. Talvez porque os devaneios de cátedra sejam bem mais reconfortantes do que as asperidades do mundo.

Enfim, como disse o imortal Barão de Itararé, grave não é mudar de idéia, grave é não se ter idéias para mudar.